

Campanha de trabalhos Castelo do Mau Vizinho Cimo de Vila da Castanheira—Chaves

POR

J. R. dos Santos Júnior *

Prof. cat. jubilado da F. C. da Universidade do Porto
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnologia

Adérito Medeiros Freitas **

Prof. de C. N. no Liceu Nacional de Guimarães
sócio da Soc. Portug. de Antrop. e Etnologia

António da Eira e Costa ***

Prof. na Escola Preparatória de Rates (Póvoa de Varzim)
sócio da Soc. Portug. de Antrop. e Etnologia

Nesta campanha do fim do Verão de 1981 trabalhamos, Santos Júnior, Dr. Adérito Medeiros Freitas e Prof. António da Eira e Costa, no Castelo do Mau Vizinho.

A tarefa essencial, que foi frutuosa, coube ao dedicado companheiro Adérito M. Freitas.

Aquele notável santuário rupestre, pelas prospeccões feitas numa das vertentes, parece indicar a existência provável de abrigos (casas?) de cobertura suportada por troncos de árvores assentes em entalhes abertos nas pedras.

Oxalá que se possa fazer o reconhecimento pormenorizado das vertentes daquele picão que talvez possa fornecer elementos de grande interesse arqueológico.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

** Rua Dr. Saraiva Brandão, 260-8.º Dto. — 4800 Guimarães.

*** Bairro do Agro Velho, casa n.º 2 — Aver-o-Mar — 4490 Póvoa de Varzim.

Seguem-se os relatos das tarefas dos participantes desta campanha.

I

Em muitas terras do norte de Portugal o povo considera os Castros Lusitano-Romanos como Castelos dos Mouros.

Ao atentar no nome Castelo do Mau Vizinho pode-se julgar que se trata de um castro. Mas não. Trata-se, sem a menor dúvida, de um importante monumento arqueológico, que não é um castro mas um Santuário Rupestre, como foi justamente considerado pelo seu descobridor o Prof. António da Eira e Costa, nosso dedicado colaborador.

O Castelo do Mau Vizinho é um estranho e bem erguido cabeço cónico, pontegudo de pedra xistosa, que, se ergue em escarpa abrupta, na margem direita do pequeno rio Mouce, com uma altura de uns 65 m.

Dos lados norte e poente é também cortado quase a prumo.

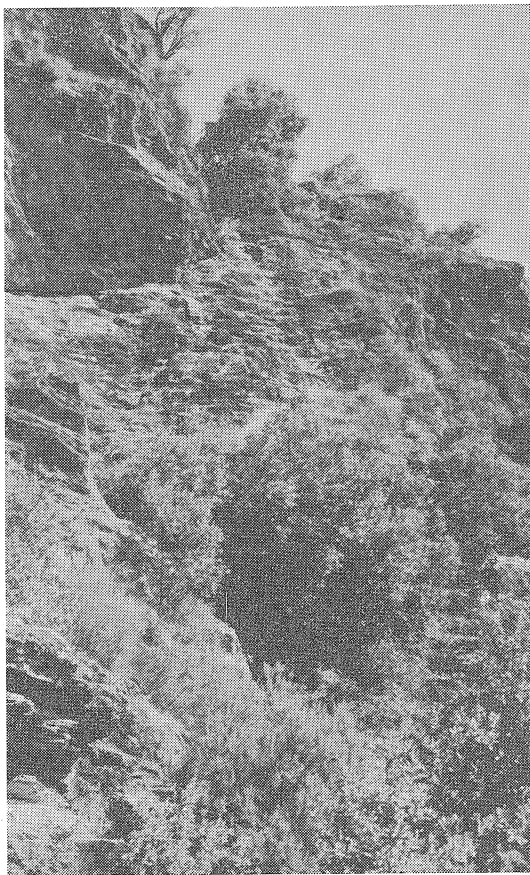
Do lado sul aquele enorme picão liga-se à montanha. Só deste lado é possível o acesso ao alto por rampa xistosa escorregadia, nada fácil de subir (Fig. 1).

Fica em termo da freguesia de Cimo de Vila da Castanheira, concelho de Chaves e a cerca de 30 km da sede do concelho.

Foi seu descobridor António da Eira e Costa, que viveu muitos anos em Cimo de Vila e actualmente é Professor na Escola Preparatória de S. Pedro de Rates, Póvoa de Varzim. Dele deu notícia no seu trabalho *O castelo do Mau Vizinho*, que apresentou ao Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja realizado em Carvalhelhos, de 4 a 11 de Outubro de 1972, e foi publicado no fasc.º 3 do Vol. XXII dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1973, págs. 345-351.

O topo do grande picão do Castelo do Mau Vizinho é um tanto aplanado. Há nele uma série de 32 cavidades escavadas na rocha; umas circulares e outras rectangulares ou subquadradas.

Do lado norte subsiste um pedaço de muralha argamassada, e feita com grandes pedras de granito.



Fotografia tirada pelo Prof. S. J.

Fig. 1 — Lado poente do Picão do Mau Vizinho.

Aquelas cavidades, ou pias, quase todas dão vertente umas às outras por sulcos em goteira que as liga pelos bordos confinantes.

Junto e abaixo das pias há uma escadaria de 8 degraus rasgados na rocha.

O pedaço de muralha argamassada merece especial realce, porquanto sai fora dos moldes das construções castrejas, todas feitas de pedras sobrepostas sem interposição de barro ou argamassa, no chamado tipo de construção em pedra seca.

O acesso ao topo do enorme picão faz-se pelo lado poente, por rampa xistosa escorregadia onde se vêem rasgadas na pedra escavações de topo arqueado e fundo liso, que o povo interpreta como pegadas das patas do grande cavalo do mouro do Castelo do Mau Vizinho.

Também do mesmo lado poente, ao lado e abaixo do início da rampa xistosa, há uma alta pedra, quase encostada à escarpa que se continua para cima e limita, pela esquerda, a rampa xistosa e escorregadia, alta pedra cuja crista em gume apresenta dois entalhes em U, postos lado a lado, separados cerca de 40 cm, que oferecem boas condições para assentar dois pranchões ou troncos de árvores.

Note-se que na rampa xistosa, em nível um pouco acima dos dois entalhes, há 2 escavações, atribuídas pelo povo às grandes patas do enorme cavalo do mouro, postas lado a lado e separadas uma da outra sensivelmente à mesma distância que separa os 2 referidos entalhes da crista ou gume da pedra que está ao lado e abaixo.

Ocorreu-nos a ideia de que os troncos de árvores metidos naqueles entalhos e pousados de topo nas escavações em forma de patadas de cavalo na rampa xistosa, serviriam para assentar o pontão que facilitaria a chegada ao início da rampa, o que não é nada fácil.

Mas pode-se perguntar.

Se nós subimos sem pontão e calçados, os remotos possíveis visitantes daquele santuário, muito provavelmente as mais das vezes, se não sempre, andariam descalços, o que lhes permitiria subirem prontamente e com segurança, dispensando perfeitamente qualquer passadiço, que, no entanto, desempenharia, como plano inclinado, importante papel na subida das grandes pedras de granito da muralha cimeira.

Além de que o santuário provavelmente não seria visitável senão nos dias de práticas rituais, mais ou menos espaçadas, e daí o dispensar-se o pontão para a subida de pessoas, que, repetindo, é de crer subiriam com relativa facilidade.

O descobridor do monumento, Prof. António da Eira e Costa, a pág. 348 do trabalho citado, no capítulo «O que nos diz a lenda», logo de entrada informa.

«Conta o povo que o Castelo do Mau Vizinho é património do Pecado. E aqui o Pecado é sinónimo equivalente a Diabo. Portanto o Castelo do Mau Vizinho é coito do Diabo.»

Muitas vezes pensamos no porquê do nome de Mau Vizinho.

Os historiadores romanos referindo-se ao viver dos castrejos informam que nem sempre as relações entre eles foram de boa vizinhança.

Mas a estranha designação daquele picão, que se ergue abrupto na margem direita do rio Mouce, foi criada pelo povo das aldeias circunvizinhas, na convicção lendária de que naquele sítio mora o Diabo.

Ora o Demo, traçoeiro tentador das almas, é o grande inimigo dos homens, daí o ser de arrenegar a sua vizinhança.

Como pois o Diabo é o grande inimigo, o pior de todos os inimigos, a sua vizinhança é detestável.

Aquele estranho picão por três lados cortado quase na vertical, de acesso difícil e só por um dos lados, é sítio arredio que na crença popular se ajusta bem para moradia do Demo.

Daí a justeza do chamamento de Castelo do Mau Vizinho. Mas pode bem ser que seja outra a razão deste nome

LENDAS

O Castelo do Mau Vizinho é estranho monumento arqueológico a que se tem chamado muitas vezes Castro, mas que tem mais propriedade considerá-lo um Santuário.

Como no entanto sempre o povo tem considerado aquele monte escarpado e agreste como morada de mouros, a designação de Castro do Mau Vizinho não é de todo descabida.

Continuaremos por isso a chamar castro a este notável monumento, notável não só pela sua singular posição no escasso topo dum monte de escarpas rochosas, mas também pela existência no topo de uma escadaria, algumas pias abertas na rocha e um pedaço de muro superficialmente argamassado.

Este singular e admirável monumento, como um grande número de castros, para não dizer em quase todos, tinha que ser tema de lendas, que de pais a filhos têm sido contadas e recontadas, e que os actuais habitantes da região geralmente começam assim:

— Dizia meu avô, que Deus haja, que os antigos contavam... E segue-se a conta da lenda.

Vejamos algumas lendas referidas ao Mau Vizinho que consegui recolher.

LENDA DA ALTA TORRE

Justino Rodrigues, rapaz de Orjais, de 14 anos, que guardava as vacas a pastar no lameiro da borda do rio Mouce que rodeia o sopé do monte do Mau Vizinho, contou que o Castelo do Mau Vizinho dantes era muito mais alto do que é agora. Tinha no cimo uma torre tão alta que se via de Orjais, aldeia que fica por trás dum lombo que corre a nordeste do Mau Vizinho.

LENDA DO BEZERRO DE OURO

Ouvi em Cimo de Vila o Sr. José Manuel Alves Sarmiento, filho do Dr. Sarmiento, que morreu juiz na Índia, e, ao mesmo tempo, a Sr.^a Belmira dos Anjos Gonçalves. Os dois, «una vocem» contaram ser corrente no povo, não só da aldeia de Cimo de Vila, mas também no de outras aldeias à roda do Castelo do Mau Vizinho, a crença de lá existir um encanto, que é, nada mais nada menos, um *bezerro de ouro*.

Conta-se que um ambicioso português, ansioso por deitar as unhas ao bezerro de ouro, contratou um galego para ir com

ele quebrar o encanto, com a condição expressa de não se falar em Deus.

Com o livro de S. Cipriano fizeram as rezas obrigatórias.

Em dada altura surgiu o bezerro, tão alentado que o galego não conteve o seu espanto admirativo, e disse: Jesus...!

Foi o bastante para que o bezerro rebentasse em carvões.

MODALIDADE DA MESMA LENDA DO BEZERRO DE OURO

Um português cubiçoso do tesouro encantado em forma de bezerro de ouro, combinou com um padre, armado de estola e munidos duma panela com unguento humano, irem quebrar o encanto.

Lá foram com o indispensável e famoso livro de S. Cipriano.

Feita a leitura do texto apropriado ao caso «surgiu o bezerro guiado pelo inimigo».

A atarantação foi tão grande, tanto do padre leitor como do adjunto português cubiçoso, que se entornou a panela, e o unguento foi escaldar o padre em vez de escaldar o inimigo.

A um «valha-nos Deus» o bezerro e o diabo que o guiava desapareceram num ápice.

LENDA DO GRANDE CAVALO

No Castelo do Mau Vizinho vivia um mouro que tinha um grande cavalo, montado no qual ia às feiras das redondezas.

Lá estão as pegadas do cavalo marcadas na pedra da rampa por onde, com alguma dificuldade, se sobe até ao alto.

As tais pegadas são depressões em forma de patadas de cavalo, escavadas na rocha xistosa.

Algumas com topo arredondado, de 3 a 4 cm de alto ou um pouco mais com 25 a 30 cm de largura, e o meio aplanado também com 25 a 30 cm de comprimento.

LENDA DA GRANDE COBRA A GUARDAR
O ENCANTO

A Sr.^a Josefa Gigante, cujo pai foi tamanqueiro em Orjais, diz que os seus avós e os velhos de Orjais contavam ter visto muitas vezes uma grande cobra de enorme cabeça sair do rio Mouce que circunda o monte do Mau Vizinho.

Viam-na subir e passear (sic) pelo Castelo do Mau Vizinho.

Mas quando alguém subia ao Castelo ela prontamente se afastava. Num pincho, atirava-se do alto e vinha enfiar-se na ola do rio que há acima da *praseira*, paredão que atravessa o rio para ele represar.

A tal cobra era a guarda do encanto.

Quando aparecer a alguém que, em vez de escorraçar a cobra ou fugir dela assustado e cheio de medo, tiver a coragem de ficar quêdo e de se deixar beijar pela cobra, esta transformar-se-á, acto contínuo, em pessoa humana. Deste modo se quebra o encanto e o corajoso receberá o tesouro que o fará muito rico.

A existência de lendas similares em muitos dos nossos castros é bem conhecida.

Geralmente, tanto quanto nos é dado saber, em alguns castros repete-se a lenda do bezerro de ouro, como também a da cobra, sempre grande e muitas vezes com grande cabeleira.

No entanto quase sempre a cada castro atribui-se uma e às vezes duas lendas sendo a secundária frequentemente a espantosa transformação de carvões em ouro macisso.

Note-se porém que, quanto ao Castelo do Mau Vizinho se apuraram até agora 4 lendas.

A do bezerro de ouro muito frequente noutros castros, que nos foi contada em duas modalidades.

A da grande cobra que também tem sido atribuída a alguns castros, aqui com a singularidade do grande pincho de cerca de 80 m do alto para a òla do rio Mouce.

A lenda do grande cavalo que deixou marcas das grandes patadas escavadas na rampa xistosa da subida para o alto, deve ser rara no âmbito castrejo trasmontano, pois nunca a ouvi atribuir a qualquer dos bastantes castros de Trás-os-Montes que tenho procurado estudar.

A da altíssima torre que se erguia no topo do cabeço do Mau Vizinho não me recordo ter visto citada em castros do norte de Portugal, a não ser a torre do Castro de Sabrosa, que esta não é lenda, pois ainda tem grande parte da base.

Pode admitir-se que esta multiplicidade de lendas seja reflexo da funda impressão causada por aquele singular monumento implantado no escasso topo do alto e pedregoso monte do Castelo do Mau Vizinho.

É possível a existência de outras lendas, ou melhor, hipotéticas explicações das pias escavadas na rocha do terreiro cimeiro.

O certo é que das pessoas inquiridas poucas tinham conhecimento directo das pias e nenhuma deu parecer do significado de tais pias e para que serviriam.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Março de 1982.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

II

Este importante e fora do vulgar monumento arqueológico encontra-se situado a cerca de 35 km da cidade de Chaves.

O acesso faz-se pela estrada nacional 103 até ao lugar da Bolideira, onde se atinge, aproximadamente, a cota dos 900 m. Daqui, segue-se (à esquerda) uma estrada estreita mas alcatroada que, através do Alto do Seixo nos conduz, por Dadim, até à povoação de Cimo de Vila da Castanheira. À entrada desta povoação segue-se, à esquerda, a estrada para Roriz a qual, percorrida numa extensão de, aproximadamente, 2 km é abandonada para se entrar, à direita, numa «rodeira»

que faz com aquela estrada um ângulo agudo e que pode ser percorrida por automóvel numa extensão de mais uns dois quilómetros, seguindo a linha de cumeada da Serra do Candedo a altitudes que rondam os 800 m. Os últimos 200 ou 300 m do percurso, de carro, têm que ser feitos com muito cuidado, em piso irregular e em declive muito acentuado. De jeep podem ser percorridos mais uns 200 ou 300 m mas, a partir daí, há uma descida de declive muito acentuado, zigzagueando a vertente NE da Serra do Candedo, a qual só pode ser percorrida a pé ou de burro; nem um trator, nas condições actuais, a pode transpor sem grandes riscos. Esta descida corresponde a um desnível de cerca de 300 m e, a passo normal, são necessários uns 30 a 40 minutos.

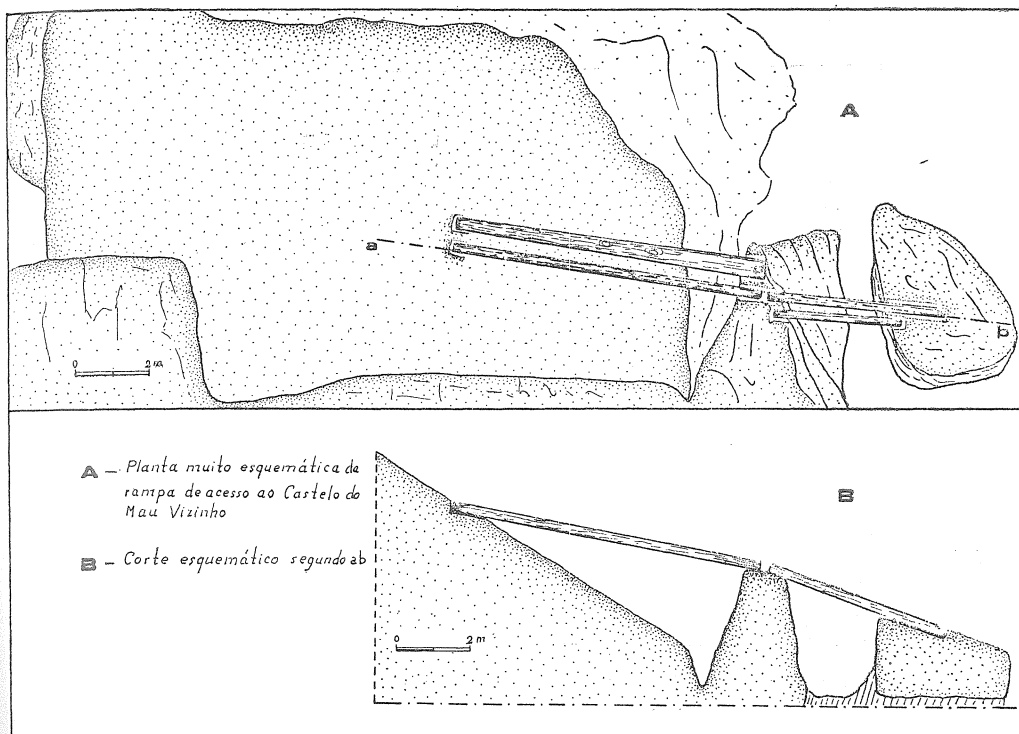
No fundo desta vertente corre o rio Mouce, em meandros fortemente encaixados em rochas metamórficas — xistos e quartzitos do Silúrico.

É precisamente junto deste rio, num morro situado na parte convexa de um dos seus meandros, que se situa o chamado «Castelo do Mau Vizinho», nome cuja origem não conhecemos.

Sob o ponto de vista geomorfológico, o Castelo do Mau Vizinho ocupa um morro envolvido a N, E e W pelo rio Mouce. O referido morro possui vertentes abruptas a S, E e W e descai irregularmente para Norte. As rochas metamórficas têm uma inclinação de quase 90° e o grau de metamorfismo aumenta de Norte para Sul, até ao contacto, quase no topo da Serra do Candedo, com a mancha granítica. A meio da vertente da Serra do Candedo, entre o Castelo do Mau Vizinho e o afloramento granítico, os xistos apresentam desenvolvidos cristais de andaluzite.

Quando se desce a Serra do Candedo em direcção ao rio Mouce, o morro metamórfico aparece-nos com um contorno grosseiramente triangular (Fig. 7). Visto de frente parece inacessível. A parte mais elevada, onde se situa a área mais importante do monumento, encontra-se a 562 m de altitude e, aproximadamente, uns 65 m acima do leito do rio.

Embora já conhecêssemos, há alguns anos, o monumento designado por «Castelo do Mau Vizinho» só este ano (Setembro de 1981), interrompendo por três dias os trabalhos no Castro da Curalha, resolvemos realizar, ali, alguns trabalhos de lim-



Este desenho e os seguintes feitos por A. M. F.

Fig. 2 — Esquemas do hipotético pontão ou passadiço.

peza, prospecção e conservação, tarefa urgente, pois que a sua danificação natural se estava a processar a ritmo acelerado. Os referidos trabalhos de limpeza e conservação realizaram-se em duas fases. Em virtude do mau tempo não nos foi possível, nos três dias referidos efectuar as necessárias medições, pelo que se impôs uma nova ida ao Castelo, no dia 30 de Outubro.

Como consta no início deste relatório, a primeira fase de trabalhos realizou-se nos dias 23, 24 e 25 de Setembro. Os trabalhos foram orientados pelo Prof. Santos Júnior, tendo como colaboradores Adérito Medeiros Freitas e o Prof. Antó-

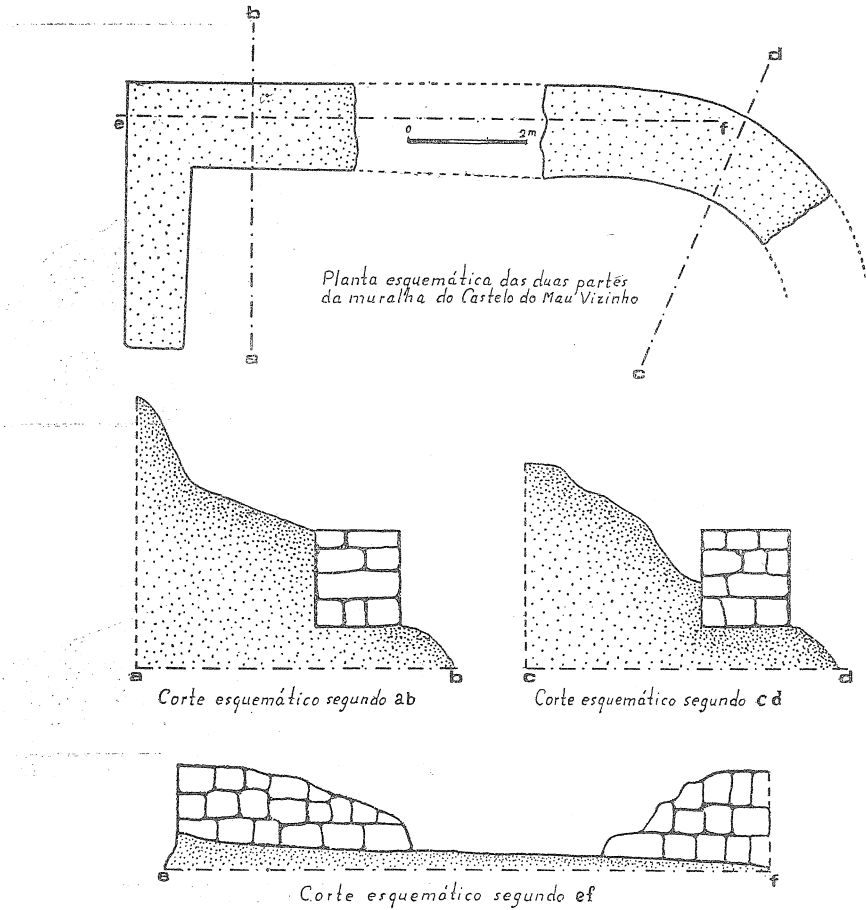


Fig. 3 — Esquemas de troço de muralha.

nio da Eira e Costa que, tendo residido durante muitos anos na freguesia de Cimo de Vila da Castanheira, nos resolveu todos os problemas de estadia, transporte de materiais, etc.

Os trabalhadores foram, naturalmente, os mesmos que se encontravam em Curalha: Luís Albino dos Santos Lemos, António Jorge Medeiros Ribeiro, Joaquim Augusto dos Santos e José Manuel Machado Oliveira.

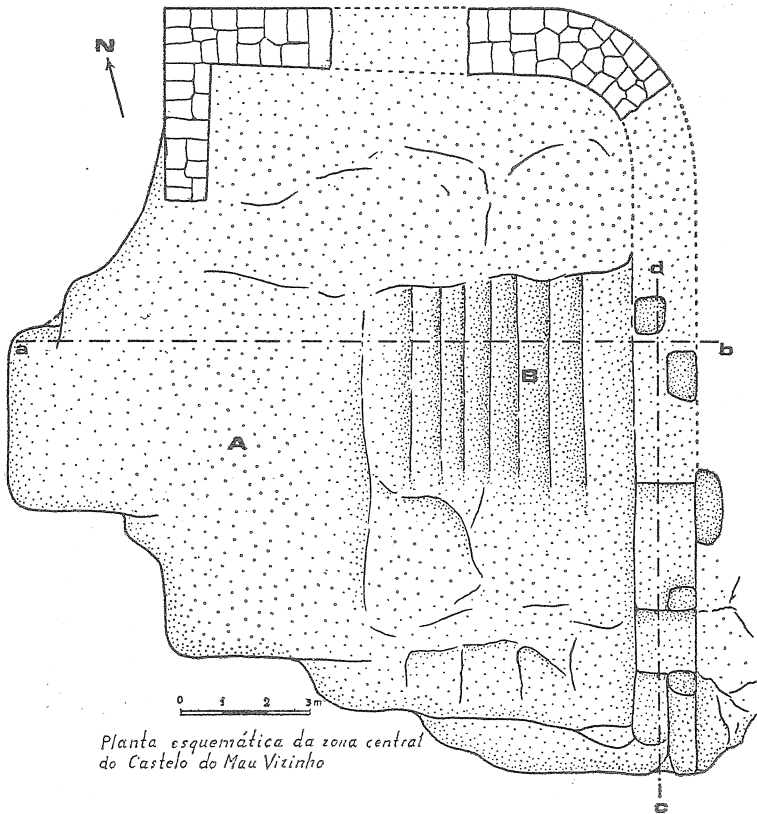


Fig. 4 — Topo cimeiro do Mau Vizinho mostrando a muralha e a escada de 8 degraus.

Dado que são naturais de Carrazedo de Montenegro, era necessário percorrer, diariamente, cerca de 100 quilómetros de carro o que implicava, naturalmente, sair de casa por volta das seis horas da manhã.

No dia 25 de Setembro choveu muito, pelo que, por volta do meio dia, tivemos que interromper os trabalhos. Não foi

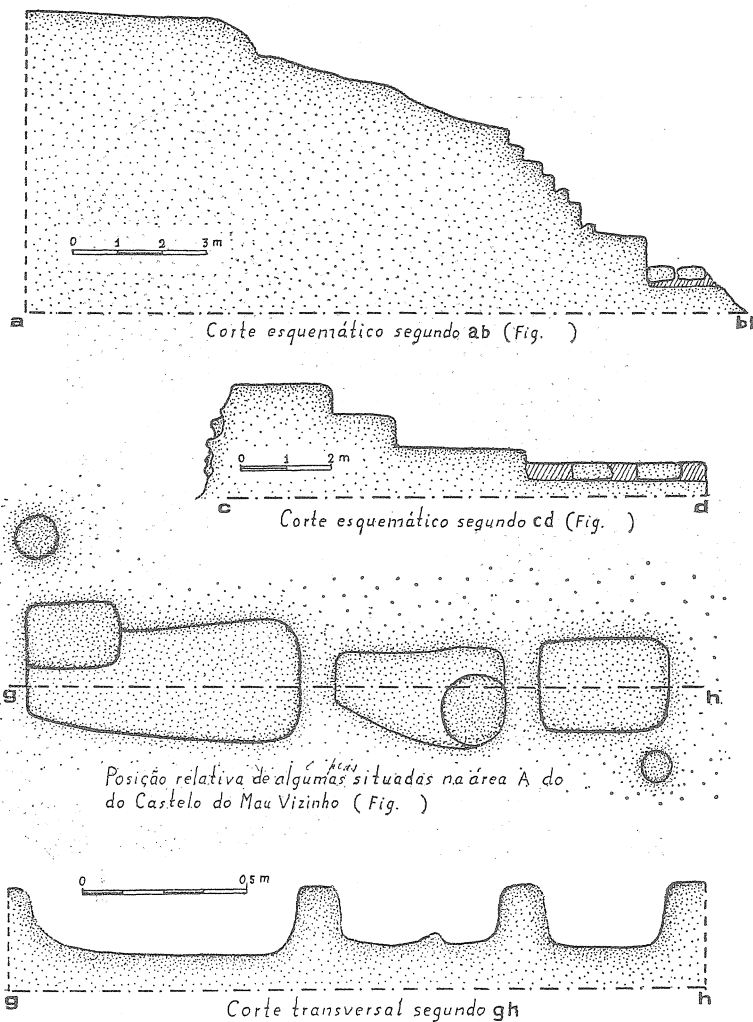


Fig. 5—Esquemas de pormenores do Castelo do Mau Vizinho.

possível, assim, completar a limpeza programada da área central do monumento, tirar fotografias e fazer os esquemas

que se impunham. Por tal motivo impunha-se uma nova ida, ainda em 1981, ao Castelo do Mau Vizinho. Esta segunda fase só foi possível no dia 30 de Outubro; destinava-se, apenas, a

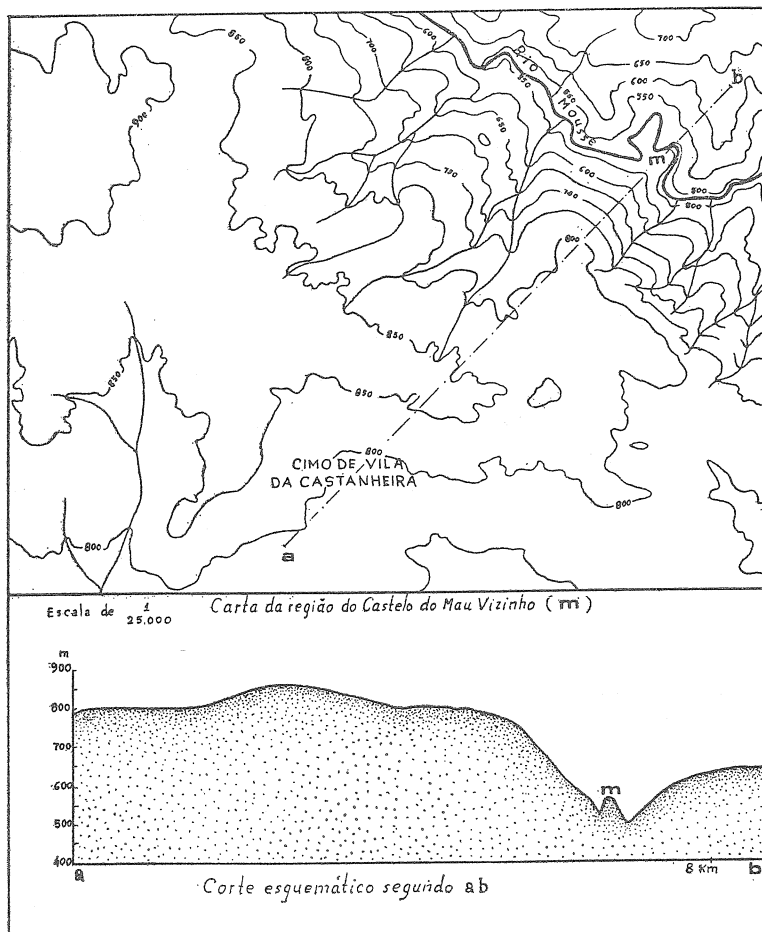


Fig. 6— Situação do Castelo do Mau Vizinho em relação a Cimo de Vila e no esquema de baixo em relação à Serra do Candedo.

ultimar os trabalhos de limpeza necessários à obtenção de fotografias destinadas a este relatório, bem como a efectuar certas medições. Esta segunda fase foi orientada por Adérito

Medeiros Freitas e nela colaboraram os estudantes da Escola Secundária Fernão de Magalhães (Chaves), Pedro Miguel Figueira Verdelho, José Francisco Figueira Verdelho e Mário Manuel de Freitas Sequeira.

Teve que se começar pelo corte de mato e subsequente remoção da terra.

Como referimos já, os trabalhos de limpeza e conservação no «Castelo do Mau Vizinho» constituíam uma tarefa urgente, apesar das dificuldades de acesso existentes. Se, e devido a tais dificuldades de acesso, este monumento arqueológico, ao contrário do que acontece com tantos outros, está naturalmente protegido contra actos de vandalismo (consciente ou inconsciente), ele está à mercê de um outro tipo de destruição acelerada e eficaz, praticada pelo natural e rápido desenvolvimento de plantas que, na ausência ou quase de solo arável, desenvolvem o seu sistema radicular através das fissuras das rochas xistosas, actuando mecânica e quimicamente. Isto pode ser facilmente verificado comparando, localmente, os graus de destruição nas áreas com e sem vegetação (principalmente arbustiva).

O nosso primeiro trabalho consistiu, pois, no corte de toda a vegetação que atingia, por vezes, mais de 2 m de altura, numa área superior a 200 m quadrados. Reconhecemos que, para lá desta área de limpeza, há aspectos do monumento que devem ser referenciados pelo que se impõe o corte do mato numa maior área, difícil de determinar antes de um minucioso reconhecimento.

Dada a sua situação não era de prever que, sobre o monumento, existisse uma grande espessura de solo arável. Na realidade, todo o material fino que ali se vai depositando é, actualmente, o resultado de uma actividade eólica e natural de desagregação (mecânica e química) das rochas que o constituem. No entanto, áreas existem do monumento em que os materiais que foram removidos devem ter sido, em parte, para ali transportados pelo homem, dada a quantidade de areia e pequenos calhaus rolados (erosão e transporte fluvial) que se encontram à mistura com um solo abundantemente humoso.

Assim, para pôr a descoberto toda a área central (a mais importante, julgamos) do monumento, tivemos que ir removendo para as vertentes N e E todo este material. Em parte (a chuva prejudicou o andamento dos trabalhos) este material foi passado por um crivo.

Como já foi referido, a parte mais importante do «Castelo do Mau Vizinho» ocupa uma plataforma superior, aplanada, de um morro quartzítico-xistoso, estando limitado, parcialmente, por uma espécie de muralha formada por dois troços com, um comprimento total de 13, 32 m (Fig. 4).



Esta fotografia e as seguintes foram tiradas por A. M. F.

Fig. 7 — Aspecto do monólito quartzítico-xistoso no topo do qual reencontra o Castelo do Mau Vizinho. À direita pode ver-se a rampa natural de acesso.

A área desta plataforma é de, aproximadamente, 184 m². É formada por uma parte mais ou menos plana (Fig. 4-A), a que se segue, voltada para nascente, uma outra, inclinada (Fig. 5), que permite o acesso àquela primeira área por um conjunto de 8 degraus (Fig. 11).

Além dos oito degraus referidos, com mais de 2 m de comprimento cada um e com um mínimo de 16 cm de altura (um deles tem 50 cm de altura) contámos, nesta plataforma central, um total de 32 cavidades, circulares umas, rectangulares outras, além de um elevado número de sulcos estabelecendo ou não comunicação entre elas (Fig. 5).



Fig. 8 — Fotografia do Castelo do Mau Vizinho tirada de uns 500 metros de distância com uma teleobjectiva de 135 mm.

Nas porções inclinadas desta plataforma existem, ainda, numerosos degraus mais curtos e mais baixos que os atrás

mencionados estabelecendo comunicação entre «pias» quadrangulares pouco profundas.

Quem sobe os degraus e do lado esquerdo existem, ainda, superfícies cavadas e aplanadas que fazem lembrar bancos destinados a alguém que assistisse a uma cerimónia.

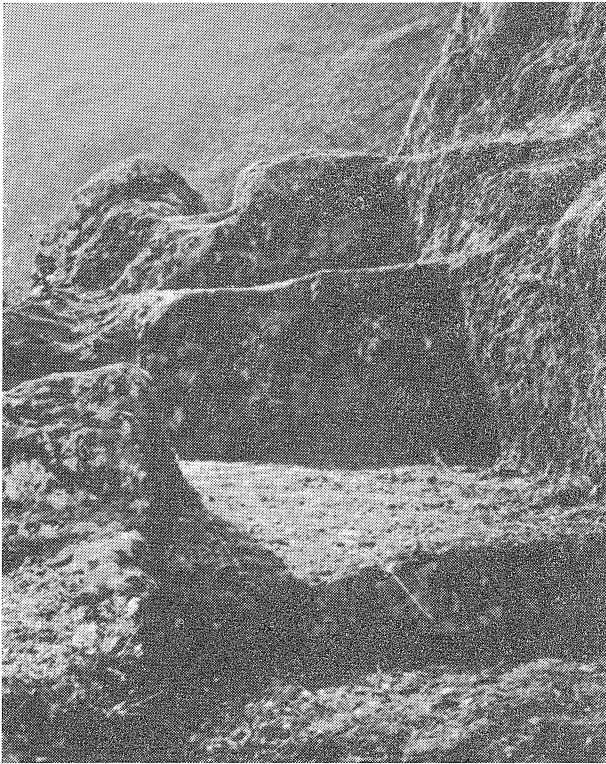


Fig. 9 — Porção escavada da rocha destinada, possivelmente, a assentar a muralha.

Numerosas outras cavidades existem fora deste recinto central, muitas delas cavadas em superfícies inclinadas, naturais, das rochas metamórficas. Pela sua forma e disposição, todas estas cavidades parece estarem destinadas à colocação da extremidade anterior dos pés facilitando, assim, a subida

e a descida. Não sabemos, ainda, se outras estruturas existem que justifiquem a presença destas cavidades.

A área principal do Castelo do Mau Vizinho encontra-se limitada, parcialmente, por uma muralha formada por dois troços, totalizando o comprimento de 13,32 m.

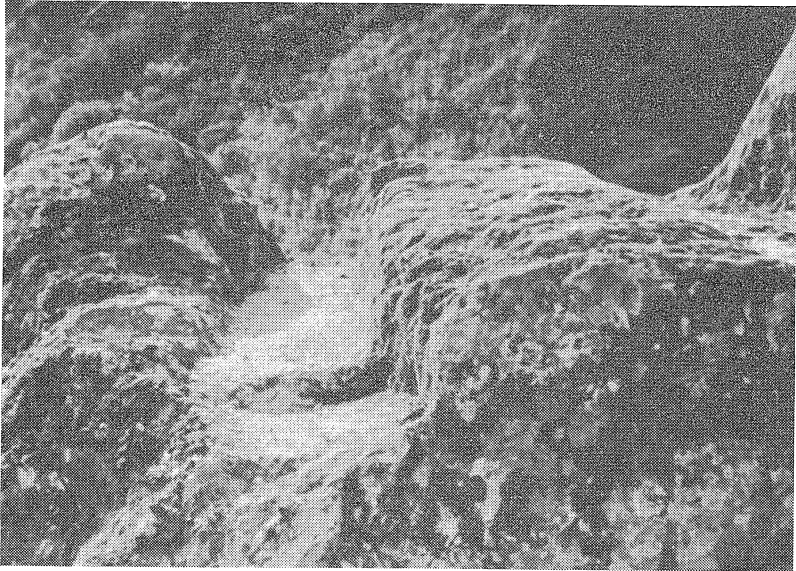


Fig. 10 — Pormenor da figura anterior.

Um dos troços é formado por duas partes dispostas em ângulo recto (Figs. 3 e 4) e dista do outro troço 3,20 m. Julgamos que estes dois troços tenham estado ligados, tudo parecendo indicar que o segundo, que curva para Sul, limitasse deste lado toda a área central do monumento. A ser verdade esta hipótese, para a formulação da qual a presença de pedras em frente dos degraus, dispostas como as da muralha e no mesmo alinhamento constituem, a nosso ver, dados a considerar, o comprimento total de toda esta protecção seria de, aproximadamente, 33 m (Fig. 4). Em frente dos degraus haveria, possivelmente, uma porta.

Em condições de acesso tão difíceis como as que se verificam no «Castelo do Mau Vizinho», a construção desta muralha é uma obra verdadeiramente notável; é que, na sua construção, foram utilizados blocos de granito, xisto, quartzito e quartzo, muitos deles rolados e, alguns, de grandes dimensões. Ora, enquanto que o xisto e o quartzito é material relativamente



Fig. 11 — Degraus de acesso à área aplanada e mais elevada do monumento.

abundante localmente, o facto de se encontrar rolado prova que foi trazido do leito do rio Mouce, tarefa muito difícil atendendo às dificuldades de acesso já referidas. Quanto ao

granito, convém referir que o afloramento mais próximo se encontra no alto da Serra de Candedo a cerca de 2 km do monumento. Um dos blocos colocados na muralha, por nós medido, apresenta as seguintes dimensões: 1 m de comprimento, 50 cm de largura e 35 cm de altura.

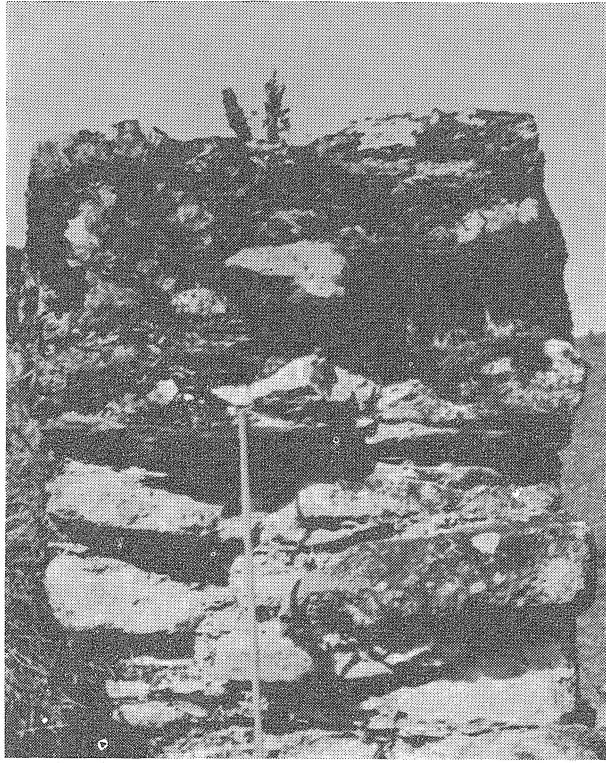


Fig. 12 — Imagem da muralha envolvente vendo-se nitidamente, a argamassa de ligação.

Todo este material está ligado por argamassa de cor esbranquiçada. A nosso pedido foi feita pelo Doutor Celso Gomes, distinto professor da área das Geociências da Universidade de Aveiro, uma análise para a determinação da sua composição mineral. Os dados obtidos foram os seguintes:

«Material composto por fragmentos de rocha (quartzito e xisto) e grãos minerais (quartzo, feldspatos e micas) dispersos numa matriz argilosa (escassa) e carbonatada (calcite)».

Ao Senhor Doutor Celso Gomes expressamos os nossos muito sinceros agradecimentos.

A largura desta muralha é variável. Considerando, apenas, a porção ainda conservada, a sua largura varia entre 0,95 e 1,55m e a altura entre 1,13 e 1,60 m. Certas zonas aplanadas

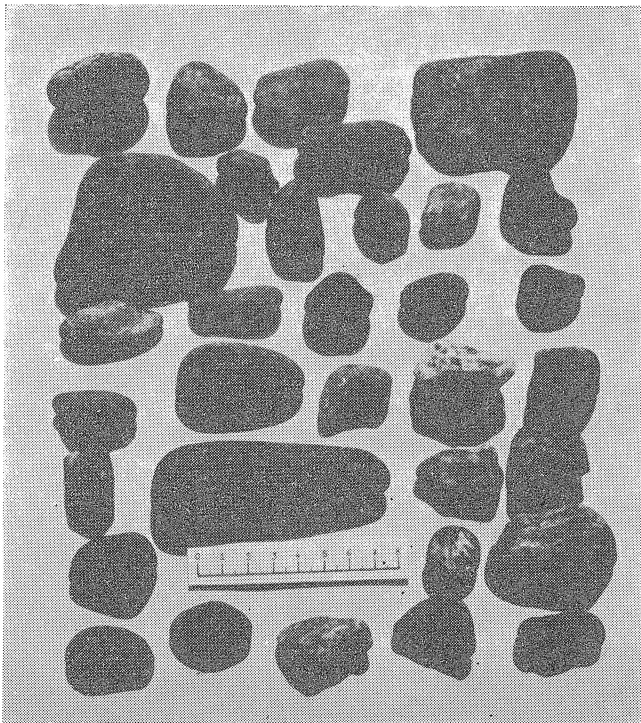


Fig. 13 — Calhaus rolados recolhidos durante os trabalhos de limpeza.

(fora desta muralha) parecem indicar a intensão de construção de uma segunda muralha ou, então, apenas, uma passagem fácil de pessoas, a pé.

A rampa de acesso à plataforma superior do monumento resultou de uma fractura natural, inclinada de N para S, cuja porção superior se fragmentou e deslocou por acção da gravidade. Tem um comprimento (plano inclinado) de, aproximadamente, 22 m e um declive de cerca de 60 %. O acesso a

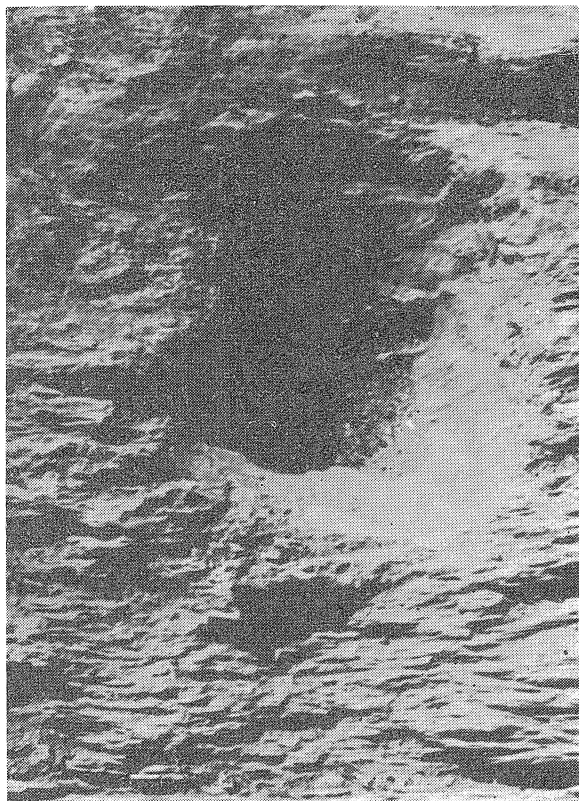


Fig. 14 — Uma das cavidades existentes na plataforma superior, apianada, do monumento.

esta rampa, cuja parte inferior se encontra acima do nível do solo, foi facilitada pela existência de dois «passadiços» (pontões) cada um dos quais suportado por dois troncos de árvore. Naturalmente que tais troncos já não existem, mas os apoios, cava-

dos na rampa, numa saliência rochosa quartzítico-xistosa onde se situa o monumento e num bloco isolado que dele se deslocou são de tal modo elucidativos que sobre a sua existência não restam quaisquer dúvidas. Na Fig. 2 tentámos fazer uma reconstituição aproximada da posição das «traves», suportes das duas estruturas que facilitavam o acesso quase até meio da rampa.

O primeiro «passadiço» é o menos comprido. Estabelece a ligação entre o bloco isolado, desligado do monólito onde se encontra a parte principal do monumento, e a saliência rochosa. Os apoios, nesta saliência, estão cerca de 1,5 m mais elevados do que os apoios no bloco isolado; por tal motivo esta primeira «ponte» constituía uma rampa, com relativa inclinação, visto que a distância máxima entre os apoios é de 3 m e a mínima de 2,8 m.

O segundo «passadiço» era mais comprido. Os apoios distam (na rampa e na saliência rochosa, respectivamente) cerca de 7,90 m e têm as seguintes medidas:

Na rampa: Um, 22 cm de largura e 25 cm de comprimento. Outro, 23 cm de largura e 30 cm de comprimento.

Na saliência rochosa: Um, 20 cm de largura e 50 cm de comprimento. Outro, 50 cm de largura e 55 cm (em média) de comprimento.

Estas diferentes larguras dos apoios devem estar relacionadas com as espessuras diferentes (basal, de maior diâmetro e superior, de diâmetro inferior), dos troncos das árvores utilizadas. É natural que a unir os troncos, de cada uma destas «pontes» existissem, colocados transversalmente, e possivelmente ligados entre si, outros, pequenos troncos ou ramos de árvores.

Ao contrário do que acontece com o primeiro, este segundo «passadiço» seria aproximadamente horizontal. A parte da rampa que se segue a este «passadiço» é, ainda, muito extensa e a subida muito difícil e perigosa, principalmente com

tempo húmido; do lado direito (quem sobe) a rampa termina num precipício com muitos metros de altura e cheio de saliências rochosas pontiagudas.

Para facilitar a subida, aquela superfície (a seguir ao pontão) está cheia de cavidades e degraus de forma, largura e profundidade variável oferecendo, assim, maiores facilidades.

No decorrer dos nossos trabalhos utilizámos, como medida de segurança e para facilitar a subida e descida, uma forte corda de nylon com mais de 40 m de comprimento.

Dadas as características do monumento e a sua situação, não esperávamos encontrar espólio abundante. A terra que, ao longo dos anos, se foi depositando na parte superior do monumento, formava uma camada pouco espessa como resultado da deposição de finas partículas transportadas pelo vento e da própria desagregação do material rochoso devido, principalmente, à acção das plantas que ali se desenvolveram.

Na terra das cavidades de variadas formas e dimensões, que foi passada a crivo, recolhemos o seguinte material:

- 93 pequenos fragmentos de cerâmica que, pela sua cor e espessura, se reconhece terem pertencido a diversos vasos.
- Um cossoiro de barro.
- Numerosos fragmentos de telha de caleira, de cor avermelhada e esbranquiçada.
- Uma grande quantidade de calhaus rolados, geralmente de pequenas dimensões. A sua forma global depende, naturalmente, da sua natureza litológica; os de natureza granítica, quartzítica e quartzosa são mais ou menos esféricos, enquanto que os de natureza xistosa formam lascas de pequena espessura.
- Numerosos ossos, que parece serem relativamente recentes e terem pertencido a pequenos mamíferos para ali transportados por aves de rapina.

Guimarães — Outubro de 1982.

ADÉRITO MEDEIROS FREITAS

III

Na companhia do senhor Professor Santos Júnior, e como seu dedicado colaborador, tivemos o prazer de participar nos trabalhos levados a efeito em Setembro de 1981 no Castelo do Mau Vizinho, notável monumento arqueológico, tido como santuário rupestre luso-romano. Fica situado na freguesia de Cimo de Vila da Castanheira, concelho de Chaves, e sobre a margem direita do rio Mouce.

Os trabalhos consistiram essencialmente na limpeza do topo superior daquele santuário, ao qual várias vezes nos referimos (A.E.C.) em algumas publicações (1).

O cabeço rochoso e quase inacessível, por escarpado, é de xisto, permitindo que os carrascos cravados no seu fendilhado, o esboroem, com graves danos para a integridade daquele sagrado monumento. Por isso os trabalhos foram orientados para a limpeza das árvores e arbustos e da espessa camada de terra acumulada na sua parte cimeira.

Apareceu algum material cerâmico e bocados de ossos, do que dará notícia o nosso companheiro de trabalho e dedicado amigo, Dr. Adérito Medeiros Freitas.

Também se procedeu a algumas medições.

Mais para baixo, o matagal é muito espesso em todo o penhasco, não permitiu pormenorizar a investigação, enquanto não se fizer a sua limpeza total. No entanto, ainda ali conseguimos ver um grande número de entalhes e covinhas abertos a pingo na face e na parte superior de muitas rochas.

Alguns desses entalhes, abertos em séries de seis ou sete metros nas cristas de duas fragas paralelas entre si e distanciadas uns cinco metros, levam-nos a supor que tais entalhes serviriam para apoio de troncos de árvores. Estes constituiriam a armação da cobertura, digamos, do telhado, que abran-

(1) António da Eira e Costa, *O Castelo do Mau Vizinho*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 1973, fasc. 3, Vol. XXII, pág. 345-351, e em vários artigos no semanário «A Voz de Chaves».

geria uma superfície de perto de quarenta metros quadrados.

Numa pequena depressão para nordeste, na aresta do pico monumental, vimos há alguns anos, restos de uma edificação quadrangular. Nessa altura o fogo tinha feito limpeza quase total ao cabeço do Mau Vizinho. Desta vez (Setembro de 1981), com a espessura do matagal, não conseguimos localizar essa edificação.

Quando se limpar mais uma boa parte do local — porque nesta campanha só se conseguiu pouco mais do que limpar a plataforma cimeira e alguns degraus — estamos certos de que o monumento continuará a oferecer-nos dados cada vez mais surpreendentes.

Aver-o-Mar — Póvoa de Varzim — Julho 1982.

ANTÓNIO DA EIRA E COSTA